

PICTOCARTOGRAFIA: DA OBRA-PROCESSO À FORMA-TRAJETO¹

Lilian Amaral²

Resumo

A presente investigação-intervenção entrelaça artes visuais e cartografia social. Parte da concepção de forma-trajeto, da cartografia artística e do caminhar como prática estética e enfoca práticas cartográficas como plataformas geopoéticas para narrativas multissensoriais. Descreve os processos criativos dos experimentos artísticos PictoCartografias 1, 2, 3 e 4, bem como os seus deslocamentos espaço-temporais.

Palavras-chave: cartografia, forma-trajeto, deslocamentos.

Abstract

This research-intervention operates in the intertwining of visual arts and social cartography. Starting from the conception of journey-forms, the artistic cartography and walking as an aesthetic practice, it focuses on cartographic practices as geopoetics platforms for articulation of multisensorial narratives. It describes the creative process of the artworks PictoCartografias 1, 2, 3 and 4, and its displacements in different space-times.

Keywords: cartography, journey-forms, displacements.

¹ Artigo elaborado com base em projeto de pesquisa de autoria da Profa. Dra. Lilian Amaral. [Lilian do Amaral Nunes]. Pós-Doutora pela UNESP – Instituto de Artes / GIIP – CNPq | Grupo Internacional e Interinstitucional de Pesquisa em Convergência entre Arte, Ciência e Tecnologia. Pesquisadora Capes PNPd. Professora Colaboradora da Universidade de Barcelona, Universidade Complutense de Madrid, Universidade de Girona, Universidade do Porto. PPGACV UFG/FAV, 2013 / 2014. Integrante de diversos Grupos de Pesquisa no Brasil, Espanha, Portugal e América Latina. BR::AC – Barcelona Research, Art and Creation. Projeto desenvolvido em colaboração com Rogério Rauber, mestrando em artes visuais no Instituto de Artes da UNESP, 2012/2014.

² Artista Visual, curadora, pesquisadora. Pós-Doutoranda em Arte, Ciência e Tecnologia pelo Instituto de Artes da UNESP. Pós-Doutora | Capes/PNPd em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás. Mestre e Doutora em Arte pela ECA/Universidade de São Paulo e Universidade Complutense de Madrid.

PICTOCARTOGRAFIA: FORMA-TRAJETO COMO TOPOLOGIA

A presente investigação busca reconstruir um mapa mental que integra anotações pessoais e coletivas, resultantes de deambulações, registros audiovisuais, entrevistas e interações contextuais envolvendo antigos moradores, associadas a análises dos processos de gentrificação nos quais o território da Barra Funda, São Paulo, está imerso. Herdeiros da psicogeografia situacionista, apresentamos uma experiência contemporânea: PictoCartografia - traçado de formas-trajeto com o objetivo de construção de um atlas cartográfico de mutação estética dos espaços urbanos.

A forma-trajeto (Bourriaud, 2009) abarca a unidade de um percurso. Dá conta de uma caminhada ou a duplica. Através de um princípio de composição baseado em linhas traçadas no tempo e no espaço, a obra se desenvolve (tal como o inconsciente laciano) como uma cadeia de elementos articulados entre si – e não mais na ordem de uma geometria euclidiana que lhe daria uma suposta unidade e harmonia. Tal abordagem complexa do espaço-tempo pode ser encontrada em obras de outros artistas contemporâneos e nasce de um imaginário nômade que concebe as formas em movimento e em interrelação constante. Imaginário no qual tanto a geografia quanto a história são territórios a percorrer, a iconografia do deslocamento global encontra, nos fluxos caóticos dessas formas-trajeto, seu ponto de inflexão. Contudo, sua aparição corresponde, também, a um momento em que a multiplicação torna-se a operação mental predominante. Após a subtração radical do modernismo nascente, das divisões analíticas da arte conceitual, da busca das fundações da obra de arte e do ecletismo “pós-moderno” no qual a soma foi procedimento recorrente, nossa época está marcada pela obsessão do múltiplo. Saberes e formas são modalizados pelas trocas culturais, processos geradores de seres e objetos produzidos pela multiplicação. A multiplicação torna-se, assim, uma das dimensões do espaço-tempo contemporâneo. É necessário despejar, esvaziar, eliminar, criar caminhos em meio a uma selva de signos.

Os componentes de uma forma-trajeto não estão, forçosamente, em um espaço-tempo unitário. Esta pode remeter a um ou a vários elementos ausentes, distantes fisicamente, no passado ou no futuro. Pode tratar-se de uma instalação, conectada com acontecimentos ulteriores e com outros lugares ou reunir, em um único espaço-tempo, coordenadas dispersas de um percurso. Em ambos os casos, a obra de arte se apresenta sob a forma de processo em desenvolvimento, de uma disposição de sequências que fazem desconfiar de sua presença objetiva, que transforma a sua intermitência em sua “aura” e em índice de um itinerário. A

forma-trajeto pictórica possui tanto as características do mapa geográfico como a de rede de linhas de comunicação cruzadas.

A topografia define um lugar orientado pelos deslocamentos cotidianos. O caminhar constitui um texto que a obra traduz no idioma da topologia. Segundo o conceito de radicante proposto por Bourriaud (2009), o sujeito se cria ao descobrir sua própria trajetória, em função de sua dinâmica mesma e como forma de narrar o itinerário de uma produção artística. O radicante pode crescer e desenvolver suas raízes em qualquer tipo de superfície (superfície de eventos), o que permite introduzir a possibilidade de uma ética e uma estética das migrações. É fenômeno-chave de nossa época, na qual as identidades precárias, as formas abertas, a instabilidade, se configuram como campos para a pesquisa em arte. O radicante não se reduz a uma linearidade unidimensional. Equipado com tecnologias que modificam a experiência espaço-temporal, não se reduz a um relato monográfico linear. A arte contemporânea possibilita reorganizar dispositivos de representação e de produção que correspondem à emergência de uma nova subjetividade, que reivindica renovados modos de significação.

PictoCartografia desenvolve-se em torno dos projetos de Pós-Doutoramento da autora deste artigo – Arqueologia da R.U.A.: Realidade Urbana Aumentada e do projeto de mestrado - Bagaço da Pintura, do colaborador da presente investigação. PictoCartografia configura-se na condição de projeto poético colaborativo no contexto da Pesquisa e Extensão Universitária e resulta de experiências, deambulações, derivas, registros e narrativas artísticas realizadas em torno do R.U.A.: Realidade Urbana Aumentada. Cartografias Inventadas, cuja origem situa-se no interior do projeto de Extensão Zonas de Compensação, organizado pelo GIIP – Grupo Internacional e Interinstitucional de Pesquisa em Convergência entre Arte, Ciência e Tecnologia do IA/UNESP e BR :: AC, Barcelona, Recerca, Art i Creació, Universidade de Barcelona. R.U.A. extrapola o território a partir do qual emerge – Barra Funda, São Paulo – e amplia sua plataforma de operações investigativas e poéticas, do qual participam inúmeros artistas, pesquisadores e comunidade em contexto local e internacional.

PICTOCARTOGRAFIA 1 E 2: PERSCRUTANDO A PAISAGEM

Parte-se da obra-objeto (tradição artística) em direção à forma-trajeto (relação processual e espacial). Integrando a mostra Zonas de Compensação, versão 1.0 e CO + LABOR + AÇÃO, Pictocartografia 1 e 2 configura-se enquanto desdobramento de encontros

estéticos e experiências realizadas em contextos de pesquisa e extensão, ocorridos tanto no Instituto de Artes da UNESP ao longo de 2012/2013, quanto na Galeria Marta Traba, da Fundação Memorial da América Latina. PictoCartografia nomeou a interação entre *R.U.A. – Realidade Urbana Aumentada e O Bagaço da Pintura*.

R.U.A.: Realidade Urbana Aumentada, proposição processual investigativa concebida como um Laboratório Nômade, atua por meio de residências artísticas em contextos nacionais e internacionais – Brasil, América Latina, Portugal e Espanha. Propõe investigar as transformações urbanas através de sistemas de cartografia social entendida enquanto experiência desenvolvida no território mapeado, baseadas na capacidade de operar leituras e interpretações de realidades sociais por meio de práticas artísticas que integram o âmbito corporal através da observação e percepção do território. A cartografia se converte em uma representação artística da realidade e opera com o movimento e mudança, cria fluxos entre o visível e o invisível na qualidade de um mapa de experimentação e de interpretação da realidade diária, incidindo, simultaneamente em um campo global e local. Como estudo-intervenção, centra-se em locais de tensão e conflito onde se processam mudanças bruscas de transformação urbana, como por exemplo, os processos de gentrificação ocorridos no bairro da Barra Funda (São Paulo) ou áreas comuns de atrito entre as culturas e processos econômicos e sociais, como o bairro de Raval, em Barcelona. O projeto desenvolve-se a partir de uma filosofia colaborativa, por meio do trabalho direto no território e com a participação das pessoas que habitam este lugar. Os resultados – microvídeos, projeções, paisagens sonoras, microdocumentários, registros em mapas digitais de cartografias virtuais do território, instalações, dispositivos móveis que integram os percursos realizados, dados coletados e processados artisticamente são articulados em uma plataforma de partilha de produção do conhecimento territorial sobre a arte/vida local, a fim de dar respostas globais. **R.U.A.** é um disparador e um dispositivo a um só tempo, cujo objetivo, sobretudo, centra-se em mapear e ocupar territórios das cidades por meio de poéticas urbanas - práticas artísticas que operem na convergência entre Arte, Ciência, Tecnologia, Ativismo e Cidade Contemporânea.

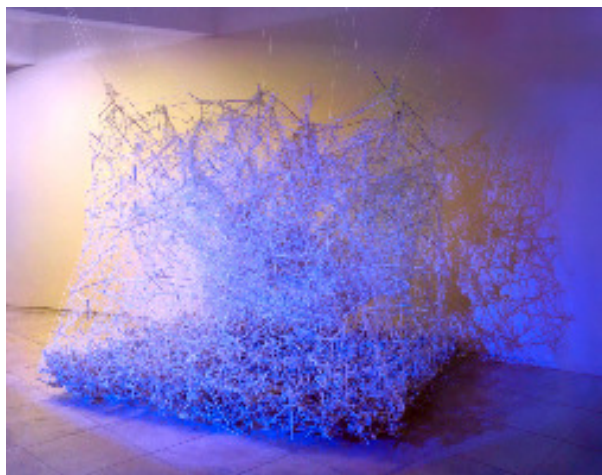


Figura 1: Foto de Rogério Rauber. PictoCartografia 1 - 240 x 180 x 300 cm - Acrílica sobre fios de crochê, nylon, bambu, madeira, metal e plástico reciclados. Com projeções de filmes e luzes. Galeria Marta Traba - Memorial da América Latina - abril e maio de 2013.

O Bagaço da Pintura é uma pesquisa que estabelece diálogo teórico e prático entre o conceito de *campo expandido*³ (Krauss, 1984) e a produção artística contemporânea. Investiga estratégias de atualização de configurações pictóricas neste *campo expandido*, entendido como um dos lugares onde se evidencia a complexidade do fazer artístico. *O Bagaço da Pintura* é indicador de um processo a partir de uma configuração consolidada – a tradição pictórica – em prospecção por novas imbricações poéticas.

A instalação PictoCartografia 1 (ver figura 1) desenvolveu-se em torno de uma residência artística, na Galeria Marta Traba, Fundação Memorial da América Latina. Composta por fragmentos de madeira, metal, plástico reciclado, bambu, fios de tricô e nylon amalgamados por tinta acrílica, PictoCartografia 1 articula um diálogo entre o espaço pictórico e o espaço expositivo/urbano e entre o tempo de fatura (obra em processo durante o período da residência /exposição) e o tempo histórico (discute questões da tradição artística). Durante a residência artística proposta pelo projeto R.U.A. e CO + LABOR + AÇÃO (12/04 – 12/05) - resultado das aproximações entre o Instituto de Artes da UNESP e a Galeria Marta Traba, a instalação evoluiu a partir da base, mais densa e apoiada ao solo, deslocando-se por fios estendidos até as vigas que estruturam o teto do ateliê situado no subsolo da galeria. Experiências com projeções sobre paredes circundantes, piso, teto e em diferentes planos

³ Este termo refere-se ao texto de Rosalind Krauss cujo título original - *Sculpture in the Expanded Field*, tendo sua primeira tradução publicada no número 1 da Revista Gávea, em 1984, com o título “A escultura no campo ampliado”. Optou-se por utilizar o termo expandido, como tradução para “expanded” por considerá-lo mais apropriado e próximo ao original e por evidenciar melhor a poética em questão.

sobre a própria instalação, apontaram, por fim, que a luz azulada emitida pelo projetor conferia a atmosfera aurática à obra-processo que se buscava com sobreposição de imagens.



Figura 2: Foto de Rogério Rauber. PictoCartografia 2 - 630 x 336 cm - Acrílica, pregos, fios de crochê, grafite e fotografias sobre alvenaria. Exposição Zonas de Compensação 1.0. Instituto de Artes da UNESP - 11 a 27 de abril de 2013.

A instalação PictoCartografia 2 (ver figura 2) fez inscrições processuais de registros cartográficos que se referiam aos deslocamentos por espaços da Barra Funda, compondo uma cartografia colaborativa, resultante da participação de integrantes do coletivo R.U.A. e do diálogo estabelecido com passantes e antigos moradores das vizinhanças, os quais traduziram suas memórias em experiências verbovocovisuais, como desdobramento de imersões no território - *Trocas, Palavrarias, Mensagens Silenciosas*, R.U.A. / Zonas de Compensação - Versão 1.0. (ver figura 3).



Figura 3: Foto de Rogério Rauber. Antigos moradores da Barra Funda, vizinhos do edifício do IA UNESP, trazendo suas fotos (à esquerda) na oficina *Trocas, Palavrarias, Mensagens Silenciosas* e, na mesma tarde, fazendo a sua intervenção na PictoCartografia 2 (à direita), em 20/04/2013.

PICTOCARTOGRAFIAS 3 E 4: PAISAGENS FLUTUANTES

Como dispositivos fundantes de novas territorialidades, as instalações PictoCartografias 3 e 4 ocuparam um espaço de fluxo: o primeiro pavimento do Instituto de Artes da UNESP, transpassado pelos usuários desta instituição acadêmica.

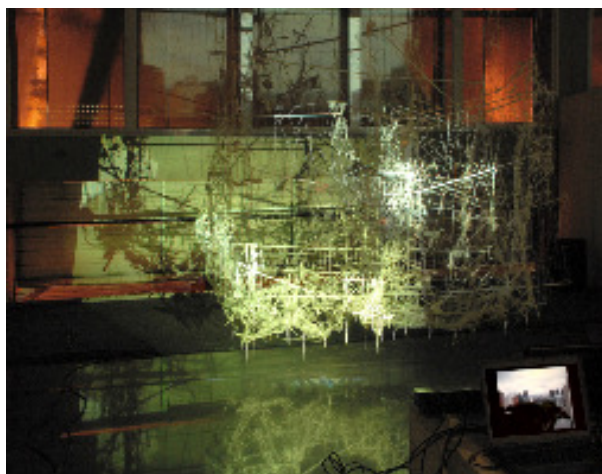


Figura 4: Foto de Lilian Amaral. PictoCartografia 3 - 320 x 180 x 800 cm - Acrílica sobre fios de crochê, nylon, bambu, madeira, metal e plástico reciclados, com projeções de filmes e paisagem sonora. Instituto de Artes da UNESP - 24 de junho a 24 de setembro de 2013.

PictoCartografia 3 foi composta com os mesmos materiais da PictoCartografia 1, acrescida de paisagem sonora e animações em vídeo de imagens documentais do processo de gentrificação do espaço da Barra Funda (São Paulo, capital) e registros cartográficos de deambulações por este bairro, projetados sobre a obraprocessos/metamaquete urbana.



Figura 5: Foto de Lilian Amaral. PictoCartografia 4 - 210 x 120 x 240 cm - Acrílica sobre fios de crochê, nylon, bambu, madeira, metal e plástico reciclados.

PictoCartografia 4 sugere a forma de um barco, reforçando a ideia de deslocamento e trajetória. Projeta seu reflexo no piso do Instituto de Artes da UNESP, sendo, posteriormente instalada na Galeria HAG, em Brasília, onde participa de mostra entre junho e outubro de 2013.

PictoCartografias 3 e 4 dialogam fortemente com a ideia de radicante e configuram-se enquanto formas-trajeto. Provem do modelo topográfico, ou seja, de formas baseadas na trajetória, o que implica na inserção de um sujeito e um processo de subjetivação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS EM PROCESSO: AFETOS DE REDE, ALÉM DA PAISAGEM

Segundo Anne Cauquelin (1993), a relação público/obra/artista não se dá de forma linear, mas circular, pois o artista está imerso na grande rede tecida pela sociedade da comunicação, acionando pontos (lugares) no espaço, modificando ou apropriando-se de redes já estabelecidas.

Cartografar é incorporar fluxos, ações, acontecimentos, relações sociais e afetivas que se materializam ou não no espaço. Todo mapa é uma reterritorialização, atualizada no interagir com cada sujeito. Ao produzir mapas, os artistas radicalizam a interação entre psicoesfera e tecnoesfera (Milton Santos, 1996) produzindo espaço. Os mapas correspondem a uma demanda de identificação social. Não só *representam*, como *criam* um território e têm compromettimentos políticos e ideológicos: um “segundo texto” a ser considerado, podem ocultar ou produzir uma história seletiva. Mapear é *criar*, não simplesmente *revelar* conhecimento. O termo *cartografia* designa elementos fixos, fluxos, acontecimentos, relações sociais e afetivas materializadas ou não. Cartografar é *espacializar*, contextualizar a experiência no tempo e no espaço. Cartografias são emergências da psicoesfera. Contemplam as materialidades, fatos, aspectos objetivos, mas também seus códigos, suas legendas, escalas. São traços de uma construção simbólica que têm suas especificidades, intenções, afetos e poética. Aproximando a ideia de mapa e rede de afetos, parte-se de uma concepção de espaço preocupada com territorialidades afetivas e simbólicas, atentando a outras formas de agenciamento político e simbólico no espaço.

Estratégias de representação cartográfica inspiradas no situacionismo geram mapeamentos colaborativos, interações entre tecnoesfera e psicoesfera. A tecnoesfera se insere no âmbito da necessidade. Já a psicoesfera é o campo fluído dos que procuram outras sociabilidades, que agem na contrarracionalidade, na ação desobediente, na produção de solidariedades. Estas experiências estão contidas na publicação em processo e resultam de pesquisas realizadas em contextos nacional e internacional. Neste terreno poroso e aberto às intervenções, às múltiplas autorias, às colaborações e às possibilidades de pensar e conhecer o espaço busca-se ampliar o repertório e o exercício da liberdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, L. **Cartografias e Territórios**: cartografias artísticas, sociais. Territórios poéticos, políticos. Patrimônio cultural em perspectiva relacional. São Paulo: CBEAL | Memorial da América Latina, no prelo.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Radicante**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2009.
- CAUQUELIN, Anne. **A arte contemporânea**. Portugal: Editora Rés, 1993.
- KRAUSS, Rosalind. **A escultura no campo ampliado** (Tradução de Elizabeth Carbone Baez). Gávea: Revista semestral do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil, Rio de Janeiro: PUC-RJ, n. 1, 1984 (Artigo de 1979), p. 92-93.
- SANTOS, Milton. A natureza do espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.